

# Brasil: 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular

# 7



Foto: Arquivo Congecom

Foto: JJ Cajú

Foto: Sebastião Salgado/autorizado MST/MS

## Série Calendário da Cidadania

Subsídios para Aulas Especiais/Abril/2000

  
**Escola**  
Guaicuru  
Vivendo uma nova lição



## 22 de abril: 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular.

O ano de 2000 vem sendo palco de inúmeros debates, seminários, encontros e comemorações que pretendem marcar a lembrança dos 500 anos do assim chamado "Descobrimento do Brasil". Para nós, comprometidos com a construção de um país justo socialmente e verdadeiramente democrático, no entanto, o momento é de reflexão e de compromisso solidário com os povos indígenas, com as populações negras, com os marginalizados e oprimidos desta terra.

Queremos fazer frente à tendência triunfalista das comemorações dos 500 anos que interpreta a história a partir do ponto de vista dos colonizadores de ontem e dos opressores de hoje, ou seja, da classe dominante, ignorando o passado de prepotência e atrocidades cometidas contra o povo.

Hoje, o massacre continua no modelo econômico excludente, na exploração dos trabalhadores, na sangria da dívida externa e na reprodução dos preconceitos raciais, sociais e ideológicos.

São 500 anos de invasão, de dependência, de submissão. Mas também, são 500 anos de resistência indígena, negra e popular. De resistência sim, se interpretarmos a história pela ótica daqueles que, desde a conquista até os neoliberais dias de hoje, souberam se juntar, reunir forças, organizar sonhos e esperanças, para lutar por terra, trabalho, justiça, cidadania e dignidade.

Lembrar os 500 anos na versão oficial da história é exaltar as ações dos colonizadores, transformados em heróis e desconsiderar a violência contra os índios, as etnias africanas e os migrantes que vieram constituir nossa pluralidade cultural.

Celebrar os outros 500 é desvelar a história oficial e revelar a verdadeira face daqueles que ousavam desafiar a lógica da exclusão:

- povos indígenas que resistiram ao extermínio e ao abandono e continuam lutando para retornar e assegurar seus territórios, preservar sua cultura, sua identidade e sua autonomia;

- negros, cujos antepassados foram arrancados da Mãe-África para viver aqui quase 400 anos de violenta escravidão, mas que organizaram os quilombos, símbolo da busca incessante de sua dignidade humana.

- a resistência dos setores populares que têm travado necessários embates por reforma agrária, emprego, salários justos, moradia e paz.

Programar aulas especiais e atividades, a partir da ótica dos excluídos, sobre a verdadeira história do Brasil nestes 500 anos, é o que propomos com esta Aula da Cidadania Nº 07. Esperamos que, com estas reflexões e debates, todos possamos entender melhor os dias atuais a fim de que saibamos, juntos, construir um novo tempo para todos: os outros 500.

*Pedro Cesar Kemp Gonçalves*  
*Secretário de Estado de Educação*



## Referências Bibliográficas

- BENJAMIM, César "et al". **A Opção Brasileira**. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, 1998.
- BRAND, Antônio. **O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guarani: difíceis caminhos da palavra**. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em História PUC/RS, 1998.
- BRUIT, Hector. **Bartolomé de Las Casas**. Campinas; Unicamp/iluminuras, 1995.
- CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO - CCN - **A Verdadeira História do Brasil são Outros Quinhentos**. São Luís/MA, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras Indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.
- PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. **Esta Terra Tinha dono**. S. Paulo; FTD, 1992. Texto base da Semana dos Povos Indígenas - 2000, Brasília, CIMI Conselho Indigenista Missionário.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. Companhia das Letras, 1999. São Paulo.
- SILVA, Benedita da. **Nós, Mulheres Negras**, Câmara do Senado, 1997.
- SILVA, Hélio. **Anti-racismo: Coletânea de Leis Brasileiras**. Ed. Oliveira Mendes, São Paulo, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América - A questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo, Fontes, 1996.
- ZWETSCH, Roberto. **500 anos de Invasão. 500 anos de Resistência**. Ed. Paulinas/SP- CEDI- Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1992.

### JORNAIS

**Jornal O Mensageiro**. Estudo n. 6, ed. Nº 71, Conselho Indigenista Missionário, Belém, setembro - outubro de 1991.

**Folha de São Paulo** - 02 de março de 1999.

**Escola Guaicuru:**  
**Participando**  
**da construção**  
**dos outros**  
**500**





“Nós não podemos ter medo. Porque nós estamos na nossa pátria. Estamos na nossa terra. Nossos pais nasceram aqui. Não podemos pensar no tempo porque é muito longo, a história da nossa gente. Então nós temos que gritar, (...) não se esmoreçam, não desanimem”.

“Quero que prestem muita atenção, que ouçam e meditem minhas palavras. Façam vocês o que nós fazemos, unam-se e façam-se fortes”.

*Marçal de Souza Tupã I*

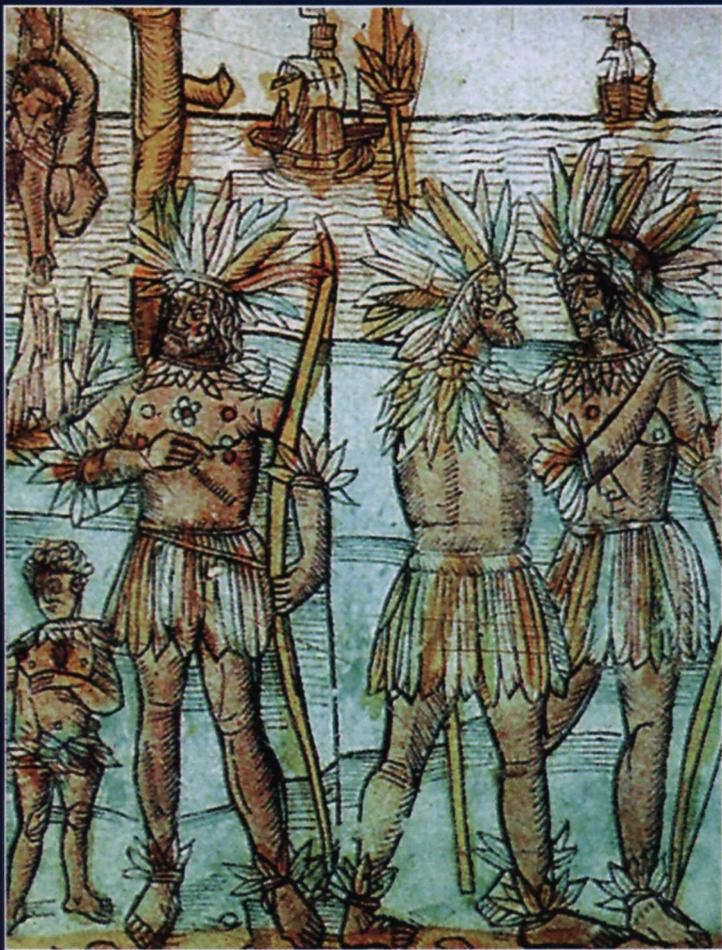


Foto: reprodução - acervo da Biblioteca da Casa de Portugal - SP



Foto: Arquivo Congecom



Foto: JJ Cajú



Foto: Sebastião Salgado



Foto: CDDH - Marçal de Souza



Foto: CDDH - Marçal de Souza



Governo Popular  
**MATO GROSSO DO SUL**

Gestão 1999 - 2002

Governador

José Orcirio Miranda dos Santos



**Escola**  
Guaicuru

Vivendo uma nova lição

**Secretaria de Estado  
de Educação**

Secretário de Estado de Educação

Pedro Cesar Kemp Gonçalves

Assessoria Pedagógica

Deila Nazaré Resende

Assessoria Política

João Roberto Talavera

Assessoria de Comunicação

Beatriz Diniz

Assessoria Jurídica

Kelly Cristiny de Lima Garcia

Assessoria Técnica de Apoio Administrativo ao Gabinete

Gerson Carlos Russi

Assessoria para Movimentos Sociais

Adenildo dos Santos Assunção

Francisco Givanildo dos Santos

Assessoria Executiva

Lucia Torres Marchini

Superintendência de Educação

Romilda Paracampos de Almeida

Superintendência de Planejamento e Projetos

Ricardo Leite de Albuquerque

Diretoria Geral Administrativa e Financeira

Elsolot Rigo

Diretoria de Políticas Específicas em Educação

Maria da Graça do Amaral Silva

Diretoria de Apoio ao Ensino do P.N.E.

Lúcia Inês Siqueira Borges Buainain

Diretoria de Educação Básica

Lucimar Rosa Dias

Diretoria de Gestão Educacional

Bartolina Ramalho Catanante

Diretoria de Tecnologia Educacional

Maria Clotilde Pires Bastos

Diretoria de Desenvolvimento Profissional

Iara Augusta da Silva

Diretoria de Rede Física

Reginaldo Sanches da Silva

Diretoria de Pessoal

Maria Pereira de Brito

Diretoria de Administração

Rosemeire da Silva

Diretoria de Execução Orçamentária e Financeira

Ana Maria Lata

Conselho Editorial: Pedro Cesar Kemp Gonçalves, Beatriz Diniz

Deila Nazaré Resende, Romilda Paracampos de Almeida

Ricardo Leite de Albuquerque, Elsolot Rigo

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

Parque dos Poderes - Bloco V - Campo Grande - MS

CEP 79031-902

Tel.: (67) 720-2800 - Fax: (67) 720-2881

Home Page: [www.educar.pantanal.br](http://www.educar.pantanal.br)





PTDN\_APS\_SNCR\_2001\_TXT\_0440

**500 anos de história -**

**500 anos de luta pelo reconhecimento do direito de ser diferente**

CI

Prof. Antônio Brand

Segundo Todorov (1996: 4) a "descoberta" da América representou, para os Europeus, o encontro mais surpreendente da história, devido ao "sentimento radical de estranheza" que experimentaram no encontro com os Povos Indígenas do continente. Os números da destruição são impressionantes e tornam-se incompreensíveis para nós. Até hoje nos perguntamos sobre os motivos que teriam levado os Europeus a tanta destruição? Das 5 milhões de pessoas, habitantes em terras brasileiras, pertencentes a cerca de 970 povos diferentes, restam hoje 330 mil pessoas, de 215 povos. Todorov (1996) entende que o desejo de enriquecimento, a busca do ouro ou mesmo a constatação de que longe do poder central, tudo era permitido (1996: 140), não representam razão suficiente para explicar os fatos.

A questão de fundo, oculta atrás da tragédia americana, é sem dúvida a não aceitação da diferença. Como os Povos Indígenas eram radicalmente diferentes eram também radicalmente inferiores e, portanto, não plenamente homens. É este confronto histórico entre dois modos opostos de vida que perpassa e caracteriza de forma inequívoca os 500 anos de história da América e do Brasil.

Temos bastante informação sobre as ações e razões dos Europeus aqui na América, mas e as populações indígenas, como agiram e por que o fizeram desta forma? Para eles, foram, certamente, 500 anos de luta em torno da posse e da garantia dos seus territórios. Tanto ontem como hoje, o olhar dos colonizadores voltou-se, primeiro, para a terra dos índios e, a seguir, para os recursos naturais aí existentes. No entanto, sem terra e sem os recursos naturais indispensáveis não há possibilidade de seguirem com o seu modo de vida. Sem aldeia não há modo de ser Kaiowá/Guarani, ou seja, sem espaço não há como manter-se guarani. É esta constatação que levou Martins (1986: 35-36) a afirmar que a "insuficiência (de terras) decorrente do cercamento territorial aparece como específica insuficiência para continuar sendo índio".

Mas como reagiram os povos indígenas a este crescente cercamento? A historiografia oficial pouca coisa registrou. No entanto, sabemos que de norte a sul, os povos indígenas resistiram. Organizaram-se e estabeleceram alianças contra o colonizador. São bastante conhecidas a Confederação dos Tamoios, a luta dos Potiguara da Paraíba e Rio Grande do Norte, dos Tupininkim e tantos outros povos que se uniram no início da colonização contra os portugueses (Prezia, 1992). A Revolta de Ajuricaba (1723-1728), no Amazonas, é outro exemplo, conhecido, de resistência indígena. Os Guarani organizaram um significativo número de revoltas contra os colonizadores espanhóis, sempre orientados pelos seus líderes religiosos, os xamãs. Já no período das reduções lutaram e venceram diversas vezes os bandeirantes paulistas. Destaque especial merece a conhecida Guerra Guaranítica, logo após o Tratado de Madrid. Sob o lema *Esta terra tem dono. Ela foi dada por Deus e São Miguel*, os Guarani resistiram contra os exércitos de Portugal e Espanha e a arbitrária decisão de obrigá-los a migrar.

Mas a resistência armada não foi a única e talvez nem a mais abrangente forma de enfrentamento do colonizador. Bruit (1995), em *Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos*, analisa e ressalta a importância histórica da simulação, como forma de resistência silenciosa à dominação. Tradições, costumes e crenças indígenas eram encobertas aos olhos dos conquistadores, porém permaneciam presentes e atuantes na consciência e no sentir dos índios (1995: 15). É ilustrativo o exemplo dos Guarani quando da entrada dos "novos" colonizadores em seu território a partir da segunda metade do século XIX. Frente ao avanço destes últimos, foram se retirando sempre mais para as profundezas das matas. E quando estas foram sendo derrubadas, procuraram áreas de refúgio nos fundos das fazendas, nos lugares mais inacessíveis e de menor interesse para a economia regional. Porém, quando o avanço das fazendas chega até essas últimas áreas de refúgio, os problemas se agravam e os Guarani resistem. Não há mais como fugir ao enfrentamento sem pôr em risco a continuidade de seu modo de vida. É o que verificamos hoje em nosso Estado.

Certamente a resistência indígena não conseguiu deter o avanço da colonização. Porém, embora massacrados, reduzidos e fragmentados, lograram manter viva sua consciência de povos diferenciados. E para isto, o recurso à simulação foi e é uma estratégia fundamental de resistência. Sob o olhar das populações indígenas, foram 500 anos de luta pelo direito de seguirem sendo o que são e querem ser, sociedades etnicamente diferenciadas. E, esta luta está longe de seu fim.

Os 500 anos de presença européia trazem, certamente, à memória dos povos indígenas, uma enorme gama de perdas: perda da terra, perda de vidas, mas, sobretudo, perda da autonomia. Mas trazem à memória também a experiência da resistência e da luta coletiva, apoiada na força que vem de sua história e de sua cultura.

Deixaram-nos e deixam-nos hoje, de Norte a Sul, a importante lição de que é melhor morrer do que ser escravizado, ou abrir mão de sua identidade própria.

<sup>1</sup>. O autor é professor da UCDB e coordenador do Programa Kaiowá/Guarani.

<sup>2</sup>. Ver Semana dos Povos Indígenas - 2000, Conselho Indigenista Missionário - CIMI, Brasília, DF





PTDN\_APS\_SNER\_2001\_TXT\_0490  
u

## ANTES E DEPOIS DE CABRAL: POVOS INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL

Jorge Eremites de Oliveira<sup>1</sup>

A história dos seres humanos no atual território sul-mato-grossense teve início há mais de 10.000 anos, no momento da chegada dos primeiros povos indígenas na região. Tais povos, por sua vez, portavam tecnologias distintas, sobretudo em termos de produção de artefatos de pedra lascada e polida, e possuíam sistemas socioculturais complexos; deixaram evidências materiais de sua existência em muitos lugares, os quais chamamos de *sítios arqueológicos*.

Durante a transição do pleistoceno (período frio e seco) para o holoceno (período quente e úmido), entre 12.000 e 10.000 anos atrás, grupos de caçadores-coletores estabeleceram-se na região do alto curso do rio Sucuriú, nordeste do Estado, onde também ocuparam abrigos-sob-rochas ali existentes. Na planície de inundação do Pantanal, desde ao menos 8.300 anos antes do presente, grupos de caçadores-coletores-pescadores assentaram-se em locais protegidos das cheias periódicas que ocorrem na região.

Ao redor de uns 3.000 anos passados, face a múltiplos fatores naturais e socioculturais<sup>2</sup>, diversos povos desenvolveram ou adotaram técnicas de cultivo, geralmente associadas à produção de recipientes cerâmicos. Também continuaram a desenvolver complexas formas de exploração dos recursos naturais disponíveis em certos ambientes, principalmente através de formas de manejo ambiental.

Entre 2.000 e 1.000 anos atrás, praticamente todos os ecossistemas então existentes no atual espaço geográfico de Mato Grosso do Sul estavam ocupados por diversos povos indígenas, sobretudo por aqueles que tinham na agricultura uma importante fonte de subsistência. Este é o caso de áreas existentes nas serras de Bodoquena e Maracaju-Campo Grande, além de milhares de antigos assentamentos indígenas encontrados em margens de rios ou próximos a outros tipos de cursos d'água permanentes.

Em verdade, grande parte do Estado de Mato Grosso do Sul, bem como praticamente toda a região Centro-Oeste do país, parece ter sido uma região de confluência para onde vários povos indígenas, sobretudo agricultores e ceramistas, se deslocaram por motivos variados. Assim, quando os europeus pisaram pela primeira vez na América do Sul, parte considerável do atual território sul-mato-grossense apresentava-se com um extraordinário mosaico cultural, local onde vivam diferentes etnias. Parte dessas etnias foi completamente exterminada, embora a notável capacidade de resistência de muitos grupos indígenas, bem como diversas especificidades históricas de suas formas de contato com os povos de além-mar e seus sucessores ibero-americanos, tenham dado origem a um processo de assimilação em que algumas etnias conseguiram preservar parte de sua cultura tradicional.

Desse modo, atualmente Mato Grosso do Sul é o segundo Estado da Federação em termos de população indígena, embora essa população continue freqüentemente a ser explorada sob as mais diversas formas. São mais de 50.000 índios, oficialmente distribuídos entre as etnias Camba, Guarani (Kaiowá e Nandeva/Guarani), Guató, Kadiwéu, Ofayé-Xavante e Terena (Laiana, Kinikinao e Terena). Desse total, cerca de 10.000 vivem na condição de desaldeados. Há ainda milhares de índios que vivem na periferia e na zona rural de algumas cidades, geralmente omitindo sua identidade e dizendo descender de bolivianos, japoneses ou paraguaios. Surpreendente é constatar que, no início do século 16, somente no Pantanal deveria haver mais índios do que atualmente existe em todo o Estado. Cinco séculos depois, a situação é bastante diferente para os antigos donos da terra; dezenas de etnias foram exterminadas (Guaxarapo, Payaguá, Xaray e outras) e as sobreviventes têm resistido a muitas intempéries: escravidão e outras formas de exploração da mão-de-obra indígena, guerras de extermínio, usurpação de territórios indígenas para a instalação de fazendas de gado ou para a implantação de projetos de colonização agrícola, caracterização de terras indígenas como "áreas devolutas" ou "vazios demográficos" etc. Sem embargo, não se pode negar o fato de ser marcante a presença indígena na história, na cultura e no cotidiano da vida de grande parte das pessoas que vivem no Estado. Esta presença está explícita no modo de ser e na identidade-ainda que em formação para alguns casos-do povo sul-mato-grossense; mas ela também está presente nos problemas sócio-econômicos e culturais que constituem um desafio a ser enfrentado, na busca de soluções urgentes, pela sociedade organizada e pelos governos.

Para podermos melhor refletir sobre nosso processo histórico, é oportuno citar o célebre manifesto do Chefe Seattle, enviado ao Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, quando em 1855 o governo ianque propôs comprar as terras dos índios: "Devem ensinar, às suas crianças, que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que a terra é enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas crianças; que a terra é nossa mãe. Tudo o que ocorrer com a terra, ocorrerá aos filhos da terra. Se os homens desprezam o solo, estão desprezando a si mesmos". De fato, vivemos em terras que no passado às vezes em um passado não muito distante pertenceram a povos indígenas.

Oxalá que os próximos 500 anos sejam melhores para os índios que vivem em Mato Grosso do Sul e em outras partes das Américas; que tenham seus direitos respeitados e que não sejam excluídos das ações dos governos.

<sup>1</sup> Arqueólogo, etnohistoriador e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Dourados. Todo *sítio arqueológico* está protegido por leis federais e faz parte do patrimônio cultural da humanidade.

<sup>2</sup> Transformações climáticas que ocorreram na América Tropical, aumento demográfico, desenvolvimento de novas tecnologias, chegada de outros povos indígenas que viviam em áreas circunjacentes e a própria dinâmica sociocultural inerente às sociedades humanas.

Seattle (Chefe Índio), 1987. *Preservação do Meio Ambiente: manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos E.U.A.* Trad. de M. G. K. Costa. São Paulo, Babel Cultural, p. 35.



**Escola**  
Guaicuru

Vivendo uma nova lição





PTDN\_APS\_SINCR\_2001\_TXT\_04410 01

## Outros 500: A LUTA E A RESISTÊNCIA DOS NEGROS NO BRASIL E EM MATO GROSSO DO SUL

"Nós não viemos, fomos trazidos", pois éramos um povo que habitava o continente africano. Bem verdade, que, no passado, formávamos um único continente (o que a geografia costuma chamar de Pangéia). O Brasil e África eram unidos pela natureza, mas com os movimentos das placas tectônicas, fomos afastados e divididos pelo oceano Atlântico, porém o clima tropical acompanhou essa divisão, dando-nos assim, essa pele negra como mecanismo biológico de proteção contra o sol, chamado melanina, formando uma raça: a raça negra.

Éramos negros livres, embora existissem as brigas políticas e religiosas internas, como existia em qualquer país nesse período, mas éramos livres. Construímos Impérios altamente complexos, como o Império Mali nos séculos XII a XIV, além de outros centros urbanos caracterizados pela erudição e pela sofisticada organização política do Estado e Impérios soberanos como Songai, Gana, Quíloa, Zimbábue, etc.

De diferentes nações fomos trazidos pelos navios negreiros, uma pena que na condição de escravos. Os europeus, imbuídos pelo espírito do lucro, nos dividiram e escravizaram-nos. Fomos arrancados de nossas terras. Hoje somos sem terras, sem empregos e sem oportunidades de ocuparmos espaços em pé de igualdade. A idéia de inferioridade do negro africano consolidou-se para o colonizador ficar livre.

Alguns teóricos justificam a escravidão. Uma corrente vinda da igreja, considerava a África como o inferno e os negros vinham para o Brasil para purificar a sua alma. O padre Antônio Vieira, em seus sermões, afirmava: "os negros, escravizados na América, finalmente encontraram o Paraíso, se livraram do poder do diabo, deviam agradecer a Deus, pois os castigos atingem apenas o corpo mas a alma está livre".

Rui Barbosa, na qualidade de ministro da Fazenda da República, mandou queimar toda documentação referente ao período escravista no Brasil, para esconder a vergonha e os crimes que o País havia cometido e tentar impedir as reparações econômicas para a população negra.

Essa ideologia se ramificou e se modernizou numa forma sutil de discriminação racial no Brasil, mas não conseguiu queimar a cultura e as idéias de resistência que perduram até nossos tempos.

A história oficial não permite ao negro construir uma auto-imagem digna de respeito e auto-estima. O discurso eurocentrista condena os africanos à condição de objetos e não sujeitos de sua história, contudo o Movimento Negro organizado tem importante papel: ajudar o povo negro a reencontrar seu valor e a reconstituir a sua história. Os Quilombos foram formas de organizações que permitiram aos negros e negras, mesmo que perseguidos pelos capangas dos fazendeiros, construírem sociedades nas quais havia o mínimo de dignidade para a população negra e para outros excluídos da época, índios e brancos pobres.

Zumbi foi e é um grande líder que desperta o sentimento de retorno à liberdade para seu povo e de justiça social para todos.

Aliada a essas formas de resistência, vamos presenciar, durante 4 séculos de escravidão, um volume crescente de assassinatos de feitores e senhores pelos negros nos canaviais, ou pelas negras nas casas-grandes. Elas usavam técnicas de envenenamento através da comida. Outras vezes, praticavam aborto como forma de não deixarem seus filhos sofrerem como escravos. Concomitantemente, aconteciam as rebeliões, suicídios e sucessivas fugas das fazendas em busca da liberdade formando os Quilombos como já dissemos.

Em Mato Grosso do Sul, quando da chegada dos "fundadores", os negros já se faziam presentes, embora na condição de escravos. Na guerra do Paraguai, muitos soldados eram negros e lutaram em troca de uma vida livre.

Para cá vieram mineiros, goianos, nordestinos..., fundando comunidades negras e resistindo nos seus Quilombos. Furnas do Dionísio, Furnas de Boa Sorte e a Comunidade de São Benedito são exemplos atuais da luta pela liberdade que, com muitas dificuldades, resistem para manter a cultura viva. Tia Eva, matriarca da comunidade São Benedito traz à mostra a luta da mulher negra.

O art. 5º da Constituição Federal, dispõe que "*Todos são iguais...*", porém isso não se constituiu numa verdade para a população negra brasileira. As estatísticas confirmam o quadro inegável de desigualdades raciais no mercado de trabalho e no acesso à educação. Enquanto a criança branca estuda a história da civilização européia, a criança negra aprende que seus avós foram escravos sem nenhuma referência à sua resistência à opressão.

Dessa forma, os 500 anos do Brasil está por ser contado e de uma forma verdadeira, na qual o negro, o índio, a mulher e o pobre tenha reconhecido e respeitado o seu papel de colaboradores para a construção de um Brasil moderno. As rendas do país têm que ser melhor distribuídas, terminando, assim, com o secular domínio do colonizador externo e interno.

Essa luta é vencida a cada passo que damos para construir um país democrático com oportunidades iguais para todos. Cada Governo Popular eleito é um momento dessa caminhada, pois quando os elegemos estamos dando poder ao próprio povo de tomar as decisões.

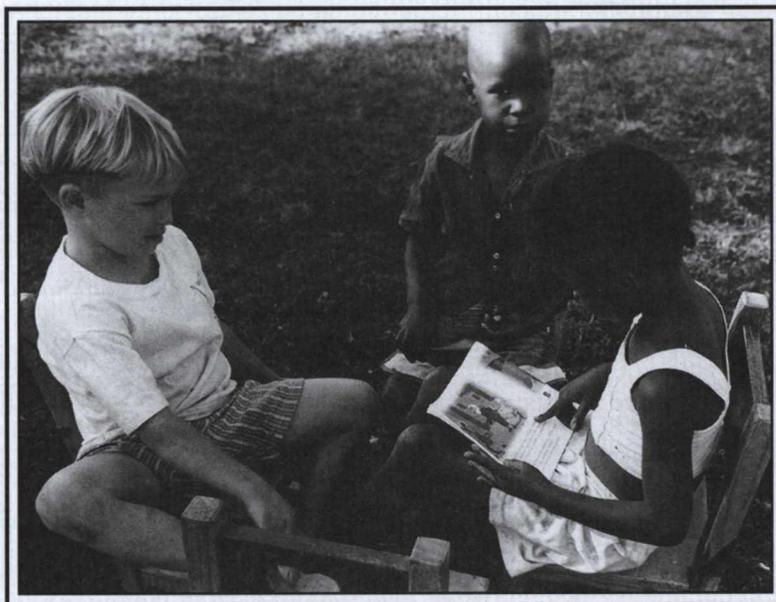


PT.DV\_APS\_SVCR\_2001\_TXT\_2001\_0440 C1

A história dos 500 anos muda de rumo. Passa a ser questionada e contestada, pondo fim ao famigerado "Descobrimento do Brasil". "Almejamos que esses 500 anos anunciem o fim de uma festança secular daqueles que se imaginam os eternos 'donos' do Brasil e 'senhores absolutos' dos brasileiros" e que façamos essa força que resiste ser cada vez maior para que esses próximos 500 anos sejam de fato outros 500, nos quais nós, os negros e negras, tenhamos resgatada a nossa dignidade. Tudo depende da força dos Quilombos, de acreditarmos em nós mesmos e na resistência do povo brasileiro.

PALMARES VIVE, ZUMBI VIVE, NÓS ESTAMOS VIVOS E VIVA OS OUTROS 500.

DINA MARIA DA SILVA- Professora de História e técnica da DPEE responsável pela política de Diversidade Étnica da SED, Militante do TEZ- Trabalhos, Estudos, Zumbi e LUCIMAR ROSA DIAS, mestra em educação, Diretora de Educação Básica e Profissional da SED e militante do TEZ





Senhor,

... Neste mesmo dia [22 de abril], a horas de véspera, houve vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de ferra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

.....  
E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

.....  
A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beigo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador.

.....  
E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montesinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais! E isto me faz presumir que não tem casas nem moradias em que se recolham; e o ar que se criam os faz tais. Nós pelos menos não vimos até agora nenhuma casa, nem coisa que se pareça com elas.

.....  
E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitaina. E eram de madeiras, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas em que dormiam. E debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham, a saber muito inhame, e outras semente que na terra dá, que eles comem.

.....  
Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segunda as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles,



segunda a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para a qui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, que deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!

Eles não lavram não criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão desse inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d' agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que Ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha





*Abaixo temos uma reeleitura da carta de Pero Vaz de Caminha, resultado de um trabalho desenvolvido pela EE José III<sup>a</sup> Hugo Rodrigues, em Campo Grande. A mesma é um exemplo de atividade que pode ser desenvolvida com os alunos.*

**"Relato ao rei de Portugal da visita de Pero Vaz de Caminha a um novo Brasil, uma nova terra totalmente transformada desde que Cabral pisou há quinhentos anos atrás.**

*Senhor,*

*Numa Quinta-feira, aos vinte e dois dias do mês de abril de um mil novecentos e noventa e nove, chegamos com nossas naus em uma terra chamada agora de Bahia. Lembra-se das belas praias que descrevi a Vossa Majestade?*

*Hoje já não são tão belas, uma pena, uma judiação, a tristeza de ver o agora me deixa amedrontado, ao imaginar o futuro dessa gente. Gostaria de estar descrevendo a Vossa Majestade aquela mesma terra que aqui vimos há quinhentos anos atrás. Ah! Como era bela esta terra!*

*Muita coisa mudou por aqui.*

*Lembra-se dos nativos que aqui habitavam nus, e tinha a pele parda?*

*Hoje eles já não são apenas pardos, são negros, brancos, mulatos, vermelhos e amarelos, pois houve aqui uma grande miscigenação de raças que resultou em um povo com belas mulheres e homens fortes, e também não andam mais nus, usam roupas, trabalham para ganhar o sustento e moram em casas. Mas mesmo com o passar dos anos ainda existem aqui nativos nas ruas, nas calçadas e nos becos. Esses são diferentes, não trabalham, pois não inspiram confiança por sua aparência sofrida, suas roupas sujas, sua miséria sem disfarce, nem mesmo os próprios daqui importam-se com eles. Dizem que a preocupação com seus irmãos menos favorecidos é daqueles que governam e sequer tentam eles mesmos fazer algo para mudar essa situação triste e dolorosa, que profundamente me comoveu.*

*Senhor, ao andar pelas ruas vi crianças vendendo balas, doces, frutas, e uma dessas crianças me ofereceu uma viagem estranha, da qual eu não precisaria de navio, apenas experimentaria um pó branco que me faria viajar por muitos lugares, e ainda ver coisas que jamais imaginei. Mais adiante, imagine só Vossa Majestade, encontrei um grupo de meninas, com suas vergonhas escondidas com poucas roupas, e o que é pior, ofereciam-se para deitar-se com qualquer homem que passasse por ali naquele momento, sem nenhum constrangimento e ainda diziam que o preço era barato! Todas essas crianças deveriam estar na escola, aprendendo brincadeiras e o valor das letras do alfabeto.*

*Continuando minhas andanças por essa nova terra, fui até um hospital, para saber o quanto a medicina evoluiu. Ah! Senhor, que decepção! As pessoas doentes ficam horas, dias, noites em filas aguardando médicos que nunca chegam, remédios que não têm o suficiente, uma verdadeira falta de*



humanidade, e segundo conversei com algumas pessoas que por ali estavam, os governantes até criaram um novo imposto só para melhorar a área da saúde, mas infelizmente em muitos lugares esse dinheiro não chega o suficiente para que se possa fazer as melhorias necessárias e amenizar o sofrimento desse povo já tão castigado.

Os guerreiros que outrora usavam enfeites de plumas, arcos e flechas, hoje usam fardas e armas de munição pesada, e que ora acertam os chamados bandidos, ora acertam os policiais, e sempre acertam aqueles que não são nem bandidos nem policiais. Muitas vezes essas mesmas armas são usadas contra pais de família, que lutam pelo direito da terra para nela trabalharem e produzirem, podendo assim dar a assistência e o sustento a sua famílias, usando o suor de seu trabalho, tirando da terra os frutos que ela dá.

Essas mesmas armas também já foram usadas contra manifestantes desempregados que vão às ruas reclamar o direito de Ter um emprego para também garantir o bem-estar de sua família.

É Senhor, as coisas aqui estão mesmo muito mudadas!

Os líderes do passado, nos ofereceram como presente plumas, os líderes de hoje, nos ofereceram uma recepção, que teve a execução dos hinos das duas pátrias, e um jantar regado com muita comida cara e bebidas internacionais, tudo muito bonito e de bom grado.

Mas, na trajetória da volta, ao olhar ao redor vi pessoas pedindo esmolas, aproveitando sobras de lixo, dormindo no chão e implorando por uma caridade. Resolvi então seguir a uma igreja para pedir a Deus que ajude a esse povo. Ao chegar lá, deparei-me com uma igreja não muito cheia, muito diferente do que era há quinhentos anos, quando só havia a igreja católica. Fiquei sabendo da grande miscigenação religiosa que esse povo possui, são tantas as seitas e crenças praticadas livremente como o protestantismo, o espiritismo, o judaísmo, budismo e muitas outras.

Também mudou a maneira de organização política daqui, antes existia um chefe que era assessorado pelos pajés e anciãos, agora eles vivem sob forma de democracia, no sistema presidencialista e o presidente é assessorado por ministros, senadores, governadores, deputados, prefeitos, secretários de estado e município. Pelo pouco que vi, são poucos os chamados políticos, que representam os cargos que citei para o senhor, e que realmente se preocupam com o bem-estar do povo, a maioria só quer saber de troca de favores e mordomias, uma verdadeira vergonha! Estão inclusive comentando sobre um deputado de um certo estado, que estava envolvido com bandidos, mortes de pessoas e comércio daquele estranho pó branco que já comentei com senhor anteriormente.

Daqui, amanhã partiremos, deixaremos esta terra que já não é tão bela e formosa. Suas medidas já não posso mais calcular, nem mesmo as árvores tenho muitas para contar, apenas muito chão e mar em volta, parte de sua beleza radiante apagou-se com o passar dos anos.

O que levo a Vossa Majestade hoje, são notícias que não são muito de se alegrar, pois esta terra é o nosso Brasil, "onde tudo o que se planta dá".

Mas senhor, com tudo isso, o que também me admira, é a força e garra do povo brasileiro, um povo que apesar de sofrido é um povo lutador, livre, feliz nas suas condições possíveis de sobrevivência, por isso senhor, meus parabéns ao povo brasileiro.





### Quem somos?

Somos o povo brasileiro. Mulheres e homens; crianças, jovens e idosos; índios, negros, brancos, e nossos descendentes que forjam um povo novo, sem igual em nenhuma parte do mundo. Um povo capaz de enfrentar os desafios da construção de uma nova sociedade porque conseguiu resistir a 500 anos de dominação e de exploração, criando estratégias de luta e de sobrevivência que geraram alternativas de vida. Um povo trabalhador, alegre, sábio, dono de culturas populares ricas, diversas, vivas, pulsantes, com sede de viver e de ser feliz.

### O que queremos?

Queremos que o Brasil seja nosso. Queremos ser protagonistas da nossa própria história feita de sangue e de lutas, mas repleta de conquistas. Queremos um Brasil com fartura, com saúde, com educação, com trabalho digno, com moradia, com terra para todos, com natureza preservada, com distribuição das riquezas, com democratização dos meios de comunicação e com novos valores políticos, sociais e culturais que se voltem para o ser humano em todas as dimensões, em sua plenitude. Queremos um país onde nós possamos ter futuro e liberdade para criar, sonhar, amar, viver... e que o mundo possa conhecer nossa história e desfrutar de nossas vitórias, que serão de toda a humanidade.

### Os outros 500 anos do Brasil que estamos construindo: por um Projeto Popular para o Brasil

Esses outros 500 anos do Brasil de que estamos falando estão sendo construídos por nós. Eles não aparecem todo dia na televisão e no jornal, mas estão aí debaixo dos nossos olhos. Estão presentes nas pequenas e grandes conquistas que temos obtido a cada dia. Estão presentes na justiça que fazemos restituindo direitos humanos àqueles até então injustiçados; na comida que produzimos e repartimos entre o nosso povo; na educação crítica e libertadora que fazemos em nossas escolas; na natureza que preservamos; nas moradias e nos espaços públicos que erguemos e ocupamos; no trabalho que valorizamos e dignificamos porque nos constrói e não nos destrói. Estão presentes na vida dos índios, dos negros e de seus descendentes, dos pobres em geral que tiveram asseguradas suas aldeias, suas terras, suas casas, seu trabalho, sua cultura, seu modo de viver e de ser feliz.

Sabemos que os outros 500 anos deste Brasil de que falamos não depende da elite brasileira e internacional e do que ela mostra mundo afora como sendo a nossa cara. Estes outros 500 anos do Brasil que estamos construindo depende de nós, povo brasileiro, que temos passado todos os dias lutando, marchando, refletindo sobre nossa realidade, apresentando novas propostas, registrando nossa história, valorizando nossa cultura... Tudo isso tem construído o novo. Tudo isso tem resultado num Projeto Popular para o Brasil, bem diferente do que está posto para nós como único caminho a seguir neste momento. Diferente porque não dispensa a nossa participação ativa como povo brasileiro que somos e que queremos ter muito mais do que o papel secundário e as migalhas que nos dão nestas "comemorações".

No nosso Projeto Popular para o Brasil - que já está em curso e que nenhuma barbárie capitalista neoliberal poderá deter - somos o povo brasileiro de cabeça erguida, soberano, rico, inteligente, culto, feliz, com novos valores humanistas e um futuro pela frente.

Andréa Paula dos Santos  
Mestra em Educação, Técnica da  
D.P.E.E./SED e militante do MST/MS





## Poesias

Exemplos de poesias escritas por alunos da EE Profª Nair Palácio Souza, em Concurso de Poesias, promovido pelo Centro Acadêmico da UEMS - Unidade de Nova Andradina.

### *Faces do Brasil*

*País dos opressores  
Quem te comanda são os doutores.*

*País dos oprimidos  
O seu povo é reprimido.*

*País da injustiça  
Onde o povo teme a polícia.*

*País dos maltratados  
Tem seu povo massacrado.*

*País da discriminação  
Onde só o pobre o negro vão para a prisão.*

*País da corrupção  
Poucos tem muito e muitos, só desilusão.*

*País dos opressores, do oprimido, do injustiçado.  
País de um povo cheio de maltratados e  
discriminados.  
De tantas injustiças.  
Porém os brasileiros, confiam em ti como crianças.  
Terra onde ainda resta a esperança.*

*Aluno: Fernando Casavechia de Oliveira*

### *Brasil*

*Brasil quinhentos anos!  
Que temos para comemorar?  
Dominação portuguesa e espanhola.  
De potências norte americanas!*

*Povo amargurado e desiludido.  
Mas será que o amor  
Pela pátria está perdido?  
Não!*

*Brasil não é só pobreza,  
Brasil tem alegrias e riquezas!*

*Belezas naturais, riquezas minerais.  
Fauna e flora encantada.*

*Povo de rica cultura  
Brasil de muitas nações  
Dentro de um mesmo país.*

*Cada região tem sua cor!  
Uma cultura, um amor.  
Ambos lutam por uma terra melhor.  
Pois quem ama de verdade,  
Quer mudanças positivas,  
E não vive somente na saudade.*

*Aluna: Keysli Osório Castilho*





# SUGESTÕES DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS CI



1 - Envolver a escola nas ações que estão sendo desenvolvidas nas construção dos outros 500, em torno da Educação e do Projeto Popular para o Brasil, tais como:

- Constituinte Escolar;
- Magistério Indígena
- Bolsa-Escola
- Inclusão do P.N.E. no sistema Regular de Ensino;
- Transporte Escolar;
- Educação Básica no Campo;
- Educação de Jovens e Adultos;
- Consulta Popular, e Outros.



2 - Promover atividades pedagógicas tendo como referência a leitura crítica das Cartas que apresentam o Brasil da Colonização e o Brasil de hoje, buscando analisar o desenvolvimento do país nestes 500 anos.

3 - Convidar representantes de comunidades indígenas, negras e populares a participarem de atividades na escola, contribuindo na reflexão acerca dos chamados 500 anos de Brasil.



4 - Desenvolver a expressão artística, a pesquisa e o trabalho em equipe, promovendo atividades culturais, como:

- Sarau Cultural: reunir pessoas da comunidade escolar que tenham interesse em ouvir, cantar, recitar e contar histórias, poesias e outras expressões artísticas.
- Maquete: construída por grupos de alunos a partir da temática proposta.
- Gincana: organizada de forma que garanta a participação de todos os níveis de ensino de cada unidade escolar.



5 - Utilizar a Série Debates Contemporâneos "Outros 500" Salto para o Futuro, como subsídios aos trabalhos de professores e alunos. Sugestões de filmes, sites e livros encontram-se no volume 3 da série.



6 - Realizar estudos e pesquisa sobre como os primeiros grupos humanos chegaram ao Brasil (sua trajetória desde a América do Norte, passando pela América Central até chegar à América do Sul e, finalmente, ao Brasil).



7 - Levantar, por série escolar, lutas/revoltas de caráter popular ocorridas nos períodos da colonização e/ou nos dias de hoje, montando painéis pela escola.

